

## **Da canoa ao clique: o uso do Whatsapp nas atividades comerciais na comunidade ribeirinha Foz do Rio Vila Nova em Santana - Amapá<sup>1</sup>**

Raila Vitoria Guedes de Souza<sup>2</sup>

Paloma França Castro<sup>3</sup>

A Amazônia Legal (AML) é o lar de 28 milhões de brasileiros, 198 etnias indígenas de quase 50 famílias linguísticas, de área que cobre quase 60% do território brasileiro, detém a mais extensa e biodiversa floresta do mundo, o maior reservatório de água doce e o mais importante bloco florestal de regulação climática do planeta (Nobre et al., 2023). É nesse vasto território que se localizam as comunidades ribeirinhas, grupos sociais cuja vida está profundamente conectada ao rio, tanto como meio de transporte quanto de sustento.

Apesar de sua relevância para o tecido social amazônico, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não apresenta dados específicos sobre o número de ribeirinhos no Brasil. O termo "ribeirinho" refere-se às pessoas que vivem nas proximidades dos rios e que têm um forte vínculo com a natureza, sendo a pesca artesanal muitas vezes a principal atividade de sobrevivência. Essa definição se baseia no modo de vida e na relação com o território, não sendo uma categoria etnoracial ou de pertencimento formal como outras populações tradicionais. Ainda assim, as comunidades ribeirinhas são reconhecidas pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT).

Apesar da ausência de dados a nível nacional, algumas iniciativas locais conseguiram estipular um mapeamento demográfico da população ribeirinha. No Amapá, locus desta pesquisa, um levantamento realizado em 2021 pela Comissão Intergestores Bipartite do Amapá (CIB-AP), com dados do Conselho de Secretários Municipais de Saúde do Estado do Amapá (COSEMS/AP), estimou a população ribeirinha do estado em 30.855 pessoas. Esse dado foi utilizado para priorizar a vacinação contra a COVID-19 para essa população e mostrou que a maior concentração de ribeirinhos está em municípios como Macapá (11.398 pessoas), Mazagão (7.413) e Tartarugalzinho (3.800).

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no ET: Economia colaborativa, economia do compartilhamento e novos modelos de negócios do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

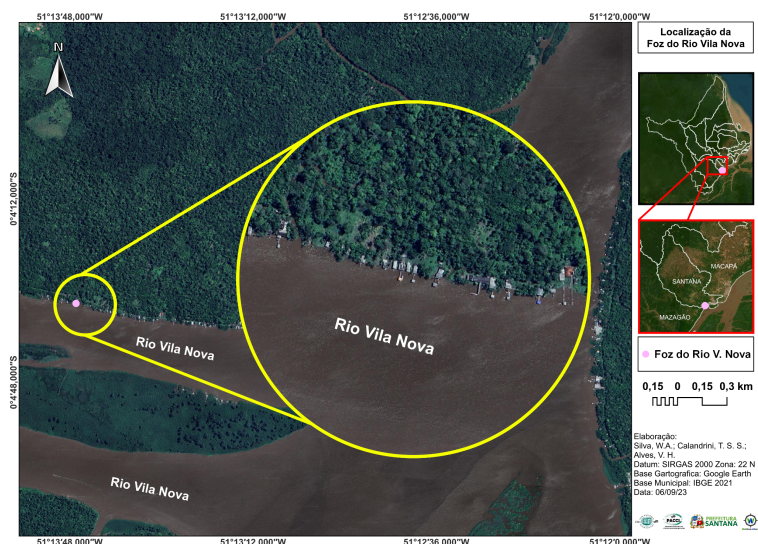
<sup>2</sup> Estudante da Universidade Federal do Amapá no Curso Bacharelado em Jornalismo, Campus Marco Zero. E-mail: raila.souza2017@gmail.com

<sup>3</sup> Bacharela em Relações Públicas, Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. E-mail: paloma.fracastro@gmail.com

Nesse contexto, compreender como essas comunidades se apropriam das tecnologias digitais é essencial para pensar os impactos culturais, sociais e econômicos que emergem dessa relação. O presente trabalho parte da seguinte problemática: de que maneira a apropriação do WhatsApp pela comunidade ribeirinha Foz do Rio Vila Nova, em Santana (AP), está transformando suas dinâmicas de comunicação, comércio e sociabilidade? A investigação busca analisar como o aplicativo, originalmente destinado à comunicação interpessoal, é ressignificado como ferramenta de trabalho econômico e organização comunitária. Usando como base autores como Pierre Lévy (1999), Manuel Castells (1999) e Henry Jenkins (2009), trabalhando com os conceitos de cibercultura, cultura digital e convergência cultural. A análise conversa com as ideias de inteligência coletiva (Lévy, 1999) e de economia do compartilhamento (Rifkin, 2014).

Antes de aprofundar a análise, é necessário compreender o contexto da comunidade Foz do Rio Vila Nova, que está localizada no sul do município de Santana, no Amapá. Com casas feitas de palafitas, por serem construídas alguns metros acima do nível do rio, possuem quintal com algumas árvores frutíferas, hortas e animais de criação como pato, galinha, gansos e cachorros. As canoas, rabetas (pequenas canoas a motor) e catraios (barcos maiores a motor), meio de locação usados pelos ribeirinhos, estão sempre à beira de suas casas (Campos, 2025). Além disso, duas igrejas, um estabelecimento comercial, uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e uma escola municipal (Alves; Santos, 2019). Enquanto área rural, o quantitativo populacional da comunidade nunca foi enorme, e não houve mudanças significativas (Silva et al., 2022).

**Figura 1** - Mapa da localização da comunidade ribeirinha Foz do Vila Nova/Santana/Amapá



Fonte: Universidade Federal Fluminense, 2023

O modo de vida é diretamente influenciado pela sua característica geográfica, cercada pelo rio e a floresta, que assumem um papel importante, pois ambos são fonte de parte da proteína para reprodução dos ribeirinhos. Do rio vem o peixe, camarão e o espaço de lazer, sendo também a via de transporte entre a comunidade e os terrenos que ficam às suas margens, e da floresta vem o açaí, as caças e outras frutas (Gemaque, 2015).

A economia local da comunidade ribeirinha se baseia em um sistema de comércio fluvial e a domicílio, adaptado à vida sobre as águas, as rabetas se transformam em lojas flutuantes, levando produtos essenciais de casa em casa. Pela manhã, os padeiros ribeirinhos circulam vendendo pães frescos, enquanto a tarde é reservada para a venda de salgados. Ao entardecer, as embarcações oferecem o açaí. Nos finais de semana, a oferta muda para sorvetes. Em algumas épocas do ano, a pesca ganha destaque, e é comum ver pescadores em seus catraios navegando para vender o pescado fresco diretamente nas casas. Essa dinâmica foi observada diretamente pela pesquisadora, que cresceu na comunidade e acompanhou desde a infância o funcionamento dessa economia tradicional.

A pesquisa foi realizada em agosto de 2025, além da observação direta da pesquisadora, foram feitas entrevistas semiestruturadas com moradores que utilizam o WhatsApp como ferramenta de trabalho. Foram entrevistados Geovana Ribeiro da Costa, 41 anos, pescadora e vendedora de açaí; Ivanildo da Costa, 43 anos, funcionário público e pescador; e Danilo da Costa Baía, 27 anos, vendedor de camarão, ovos, frangos e peixes. As entrevistas ocorreram nos dias 16 e 17 de agosto do ano corrente, e suas falas permitiram observar como a cultura ribeirinha se reorganiza diante da conectividade digital.

Historicamente, a comunicação nas comunidades ribeirinhas por muito tempo foi limitada, por estarem longe dos centros urbanos e menos acessíveis (Campos, 2025). Por esse motivo o rádio se tornou um dos principais veículos de comunicação, com baixo custo do receptor, se comparado a um outro meio, e pela facilidade que as ondas eletromagnéticas do som têm em atingir os lugares mais distantes (Figueiredo; Lopes, 2007).

No entanto, com a chegada gradual da internet via satélite e, mais recentemente, por fibra óptica, a relação com o digital passou a fazer parte do cotidiano local (Campos, 2025). O WhatsApp, em especial, tornou-se o principal canal de comunicação e, progressivamente, uma ferramenta de trabalho e comércio. Momento em que a cultura ribeirinha passa a ser ressignificada por práticas digitais.

A partir da teoria da cibercultura, Pierre Lévy (1997) entende esse fenômeno como o conjunto de práticas, valores e formas de sociabilidade que surgem com o crescimento do ciberespaço. Na comunidade Foz do Rio Vila Nova, essa ideia ganha materialidade quando os moradores incorporam o WhatsApp ao seu cotidiano de trocas econômicas e comunicacionais. A cibercultura, nesse contexto, não é apenas o uso de uma tecnologia, mas um processo de adaptação cultural: práticas tradicionais, como o costume de negociar de porta em porta ou de anunciar produtos oralmente, são recriadas no ambiente digital por meio de grupos, mensagens de voz e publicações no Status. Assim, o aplicativo se torna um prolongamento da vida comunitária, reproduzindo no espaço virtual as redes de confiança e colaboração que antes se davam às margens do rio.

O grupo de WhatsApp, criado inicialmente para conectar moradores e compartilhar informações cotidianas, foi transformado coletivamente em um espaço de vendas e divulgação de produtos locais, uma aplicação concreta da ideia de inteligência coletiva (Lévy, 1997), em que o conhecimento e a colaboração se somam em prol do bem comum.

O relato de Danilo da Costa Baía ilustra bem essa transformação: “Uso o WhatsApp na divulgação dos meus produtos. Vendo camarão, ovos, frangos, peixes e outros. O WhatsApp é o meu principal meio de divulgar e vender.” (2025). Sua fala evidencia a consolidação do aplicativo como uma praça digital, onde se realizam trocas comerciais e circulam informações que antes dependiam do deslocamento físico. Essa dinâmica reforça a noção de economia colaborativa discutida por Rifkin (2014), na qual as conexões diretas entre produtores e consumidores eliminam intermediários, tornando os fluxos econômicos mais autônomos e sustentáveis.

Um aspecto notável é a predominância do uso de mensagens de voz nas transações comerciais. Tanto Danilo quanto Geovana relataram que a maioria dos pedidos é feita por áudio, prática que, mais do que conveniência, expressa um traço cultural da oralidade ribeirinha. Segundo Geovana, “a maioria envia áudios, e eu respondo por áudio também, pois prefiro áudios a escrever.” (2025). Essa característica reafirma que a tecnologia é moldada pelas práticas locais, e não o contrário. O uso da voz como meio principal de comunicação digital atua como estratégia de inclusão digital, especialmente considerando que parte significativa da população possui baixa escolaridade formal, mas grande domínio da comunicação oral.

A análise desse comportamento também pode ser compreendida à luz da cultura digital de Manuel Castells (1999), que aponta a hibridização entre saberes tradicionais e novas

lógicas informacionais. O uso do “Status” do WhatsApp como vitrine virtual, dando reforço ao marketing boca a boca, e cria um formato de marketing comunitário em rede. Danilo relatou que “sempre que alguém compra comigo, elas postam em seus status; aí meio que me divulgam e outras pessoas me procuram para comprar também.” Essa prática espontânea de divulgação representa um modelo de comunicação descentralizada que fortalece as redes locais.

Convergindo com as ideias de Lévy e Castells, Henry Jenkins (2009) contribui com o conceito de convergência, ao propor que as novas mídias não apagam as antigas, mas se misturam a elas, gerando novas formas de produção e circulação de conteúdo. Essa convergência é perceptível na forma como o WhatsApp integra a oralidade tradicional à agilidade da comunicação digital, criando um ecossistema híbrido que combina práticas locais e tecnológicas.

O impacto econômico também é perceptível. A fala de Geovana ilustra como o aplicativo reduziu custos e otimizou o trabalho: “Mandamos no grupo da comunidade e postamos nos status; as pessoas que já têm nossos números fazem as encomendas e reservas.” (2025). Essa dinâmica elimina deslocamentos desnecessários até o centro urbano, reduz gastos com combustível e mantém o dinheiro circulando dentro da comunidade. Assim, o WhatsApp não apenas amplia a comunicação, mas também atua como ferramenta de empoderamento econômico e social, fortalecendo a autonomia das famílias e gerando novas oportunidades de renda.

Os resultados da pesquisa demonstram que a apropriação do WhatsApp pela comunidade Foz do Rio Vila Nova expressa um processo de hibridismo cultural, no qual práticas tradicionais — como o comércio direto e a oralidade — se articulam com recursos digitais para criar novas formas de sociabilidade e de economia. Essa realidade confirma que, mesmo em contextos de infraestrutura limitada, as tecnologias digitais podem ser forças de inclusão, colaboração e transformação. Ao reduzir custos, estimular a circulação de renda local e fortalecer laços comunitários, a apropriação tecnológica revela a capacidade das comunidades ribeirinhas de moldar as tecnologias às suas próprias lógicas culturais e econômicas.

O estudo aponta ainda que a cibercultura, longe de ser exclusiva dos centros urbanos, também se manifesta em territórios periféricos e tradicionais, em diálogo com saberes locais. Como perspectivas futuras, propõe-se investigar de maneira mais profunda se a circulação interna da renda, favorecida pelo uso do WhatsApp, tem gerado melhorias estruturais nas

moradias, na alimentação e no acesso a serviços básicos. Além disso, estudos comparativos entre comunidades ribeirinhas de diferentes regiões poderiam ampliar o entendimento sobre os múltiplos modos de apropriação do digital na Amazônia.

Assim, “da canoa ao clique”, a comunidade Foz do Rio Vila Nova mostra que a tecnologia não rompe com a tradição: ela navega junto a ela. O digital, ao encontrar o rio, se torna extensão da cultura ribeirinha, fluida, colaborativa e resistente.

### Palavras-chave

Cibercultura; Comunidades ribeirinhas; Cultura digital; Economia do compartilhamento; Inteligência coletiva.

### Referências

CAMPOS, Jackeline Brazão. **A transição do rádio à internet na comunidade ribeirinha de São Pedro do Uruá em Manicoré - Amazonas**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2025. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/9300>. Acesso em: 17 set. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. Volume 1. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FIGUEIREDO, Thiago A. de Sousa. et al. **Rede Ribeirinha de Comunicação: estratégia de gestão participativa em Unidades de Conservação de Uso Sustentável**. Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação (Inovcom). Vol. 2, No 2, p. 9-17, 2007

GEMAQUE, José Costa. **Conhecimentos tradicionais, sociabilidade e identidade em uma comunidade ribeirinha no Amapá**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE E SOCIEDADE, 2015, Maceió. Anais... Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2015. Disponível em: [https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/cc12\\_a.php](https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/cc12_a.php). Acesso em: 17 set. 2025.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

NOBRE, Carlos A. et al. **Nova Economia da Amazônia**. WRI Brasil. Relatório. São Paulo, 2023. Disponível online em: [www.wribrasil.org.br/nova-economia-da-amazonia](http://www.wribrasil.org.br/nova-economia-da-amazonia)  
<https://doi.org/10.46830/wriipt.22.00034>. Acesso em: 17 set. 2025.

SILVA, Maria Eduarda Costa. et al. **WebDoc e o Storytelling: Os catraieiros no retorno das aulas presenciais na comunidade Foz do Rio Vila Nova no pós-pandemia**. Revista Multidisciplinar - REMAP, Macapá, v.1, pág 111 - 124, jan/jun 2023.

RIFKIN, Jeremy. **A sociedade com custo marginal zero: o advento da internet das coisas, da economia colaborativa e o eclipse do capitalismo**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: M. Books, 2014.



XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em CiberCultura. Faculdade Cásper Líbero. De 11 a 13 de novembro de 2025.

Universidade Federal Fluminense et al. **Mapa da localização da comunidade ribeirinha Foz do Vila Nova/ Santana/Amapá.** 2023. Figura 1: Mapa da localização da comunidade ribeirinha Foz do Vila Nova/Santana/Amapá. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/742624>. Acesso em: 18 set. 2025.